

A Filosofia de Karl Marx posicionada de frente ao Espelho: Atualidade e/ou decadência de uma Teoria Política Clássica?

Sidney Francisco Reis dos Santos¹

Introdução:

Ao se pensar na filosofia de Marx nos dias atuais, a respeito de sua atualidade e/ou decadência e o que se pode esperar sobre seu papel de transformador da realidade social? Estamos diante de um grande dilema após a queda do sistema político soviético e seus satélites do leste europeu.

O objetivo deste artigo é tecer algumas reflexões preliminares sobre a atualidade e/ou decadência da filosofia de Marx, e indagar se seu materialismo histórico e dialético, ainda continua sendo um método de investigação científica e crítica do sistema capitalista neo-liberal no século XXI?

O artigo se estrutura em três partes:

Na primeira parte tem como referência os autores Morin(1993) e Elster(1989) para analisar a atualidade e/ou decadência da filosofia de Marx.

Na segunda parte tem como referencial teórico Bordin(1985), onde se busca refletir se a concepção materialista da história pode ser ou continua sendo um método de investigação científica e análise crítica do sistema capitalista.

Na terceira parte com base em Wolkmer(2005) são tecidas reflexões sobre a emergência de um humanismo jurídico baseado na filosofia de Marx em sua juventude.

¹Advogado OAB/SC.

Bacharel em Direito UFSC

Mestre em Sociologia Política UFSC.

Doutor em Direito UFSC.

Professor do Programa de Mestrado em Direito da Unisul de Tubarão.

Professor do Curso de Direito da Faculdade Estácio de Sá de SC.

Membro efetivo da Comissão de Ensino Jurídico da OAB/SC.

Autor do livro: *Mulher: Sujeito ou Objeto de sua própria história. Um olhar interdisciplinar na história dos Direitos humanos das Mulheres*. Florianópolis: OAB/SC, 2005.

Se este artigo puder contribuir para uma reflexão interdisciplinar sobre o tema, contribuindo para resgatar a importância do estudo da teoria política clássica ele terá atingido seu objetivo.

1. Atualidade e/ou decadência da filosofia de Marx ?

Ao se falar na decadência e/ou atualidade da filosofia de Marx², estamos diante de uma contradição histórico-dialética entre o que se denomina de socialismo real (do tipo Marxista-leninista) do qual a Ex- União Soviética foi um modelo, e por outro lado, a filosofia política dos materialismos histórico e dialético, elaborado por Karl Marx no século XIX. Para efeitos deste artigo, é cabível a reflexão desta atualidade e/ou decadência da filosofia de Marx a partir das críticas feitas por Morin(1993) e Elster (1989) ao pensamento de Marx, e não o estudo do socialismo real de modelo soviético.

No entender de Morin(1993) o sentido da palavra socialismo degradou-se por completo com o triunfo do socialismo totalitário soviético, e depois completou seu ciclo degradativo com sua queda no início dos anos 90 do século XX.

Para Morin(1993) seu sentido estiolou-se aos poucos na social-democracia, que está sem fôlego em todo o lugar onde governa.³

Para o autor o socialismo de Marx carregou uma imensa esperança no princípio da igualdade como bandeira libertatória e promotora de uma sociedade mais fraterna ao longo dos séculos XIX e XX. Todavia esta esperança está morta, não pode ser ressuscitada na íntegra.

² As indagações sobre a atualidade ou decadência da filosofia de Marx estão ligadas as reflexões interdisciplinares atuais que buscam resgatar a importância de estudar os autores clássicos formadores da teoria política clássica e a recontextualização de algumas de suas categorias teóricas para compreender as relações multisetoriais entre o Estado, o Mercado e a Sociedade civil dentro da conjuntura da globalização. Nesse sentido vide a obra de: CHILCOTE, Ronald H. **Teorias de Política Comparativa A busca de um paradigma reconsiderado**. Petrópolis: Vozes, 1998.

³ Vide a respeito das venturas e desventuras sobre a social-democracia no caminho de uma terceira via na atualidade global através da obra de GIDDENS, Anthony. **A Terceira Via Reflexões sobre o Impasse Político Atual e o Futuro da Social-Democracia**. São Paulo: Record, 2000.

Na percepção de Morin(1993)a reflexão crítica não se fixa na morte da esperança, mas sim buscar reconhecer que os fundamentos cognitivos do pensamento socialista de Marx não são totalmente adequados para compreender o mundo, o ser humano e a sociedade. No entender de Marx a ciência trazia certeza. Hoje sabe-se que as ciências trazem algumas certezas locais e muitas incertezas globais onde as teorias podem ser refutadas, quando não respondem as demandas atuais societárias. Em Marx a história do mundo era fruto do determinismo econômico, pois os materialismos histórico e dialético continham as leis que organizariam o futuro material da história humana.

No olhar de Morin(1993)a ciência contemporânea mostra o mundo físico, biológico,e humano evoluem, cada um a seu modo, segundo dialéticas múltiplas de ordem, de desordem, de organização e de entropia. Nesse sentido as idéias de autonomia e liberdade são inconcebíveis na concepção determinista de história em Marx.

A concepção de Marx do ser humano era unidimensional e pobre,segundo Morin, pois o imaginário e o mito não fazem parte da realidade profunda do ser humano. O ser humano, nesta visão, era visto como *Homo faber*, sem interioridade, sem complexidade, produtor prometéico destinado a derrubar os deuses e a dominar o universo. Neste ponto Marx está aquém de Montaigne, Pascal, e Shakespeare que sabiam que o ser humano é *homo sapiens demens*, ser complexo, múltiplo, trazendo em si um cosmo de sonhos, de fantasmas Morin(1993,p.22-23).

Marx, no entender de Morin, na sua concepção de sociedade privilegia as forças materiais de produção; o segredo do poder estava na apropriação das forças de produção; as idéias e ideologias- entre as quais a idéia de nação-eram simples e ilusórias superestruturas. O Estado apenas um instrumento na mão da classe dominante, a realidade social estava no poder e na luta de classes. A palavra capitalismo bastava para explicar a sociedade. Hoje percebe-se que a sociedade possui características complexas e multidimensionais da realidade antropossocial. Morin(1993,p.23).

Marx,segundo Morin, acreditava na racionalidade profunda da história, na missão histórica do proletariado, ou seja, criar uma sociedade sem classes. Hoje, sabe-se que a história não é linear, ela possui curvas, bifurcações; que esta missão histórica do

proletariado, não é científica, mas messiânica: é transposição em nossas vidas terrenas da salvação judaico-cristã prometida no céu após a morte. Morin(1993,p.23).

Muitas idéias do materialismo histórico de Marx, de acordo com Morin, são importantes para o diagnóstico do capitalismo atual. Tais como, a crítica à globalização econômica e as regras do livre mercado planetário das empresas transnacionais. Todavia os fundamentos de seus materialismos histórico e dialético não são mais científicos, no que tratam sobre o fim do Estado capitalista, das classes sociais, e surgimento de um Estado socialista proletariado transitório, (onde só existe a classe trabalhadora) até o fim definitivo do Estado socialista e da classe proletária através do comunismo; pois tratam de promessas metafísicas não realizadas da modernidade. Morin(1993,p.23-33).

No entender de Morin, a melhor maneira do socialismo de Marx resgatar sua esperança perdida. É se abrindo a um pensamento complexo apto a captar a multidimensionalidade da realidade abandonando o determinismo econômico aplicado a história humana. Para sair do homem prometido de Marx para o ser humano promissor planetário, da internacional socialista à Terra Pátria, isto é, civilizar a Terra, solidarizar, confederar a humanidade, respeitando culturas e pátrias. Morin(1993,p.23-33).

Morin percebe o socialismo marxista para ser verdadeiramente revolucionário, transformador da realidade individual e social, deve estar associado a uma idéia de uma cidadania planetária, que possa civilizar o planeta terra. Nesse sentido o objetivo da política deve voltar-se para este horizonte. Morin(1993,p.33-34).

Morin(1993) aposta na esperança do improvável, porém possível das possibilidades humanas de transformar o mundo e de criar uma visão social, um saber articulado, uma ética planetária, que proteja o planeta terra do perigo nuclear e ecológico-étnico e fundamentalista religioso que ameaça a humanidade⁴.

⁴ A fim de aprofundar o pensamento de Morin sobre a construção de uma cidadania e ética planetária para civilizar o planeta terra, vide as seguintes obras do autor : MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita-Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand. 2001. MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991. MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários a Educação do futuro**. São Paulo: Cortez/Unesco, 2000. etc

No que diz respeito ao pensamento de Elster(1989),ele realiza uma análise seccional em alguns dos conceitos principais da filosofia de Marx, buscando mostrar o que está vivo e o que está morto.

Elster(1989) parte de um enfoque teórico do individualismo metodológico aliado a teoria do jogos. O autor adapta a pergunta que Benedetto Croce fez em relação a filosofia de Hegel. *O que está vivo e o está morto na filosofia de Hegel*. O autor inverte a ordem da indagação e substitui Hegel por Marx: *O que está morte e o que está vivo na filosofia de Marx?*

Na percepção de Elster se pode aquilatar que uma teoria esteja morta a partir de três fundamentos:

1º) A teoria pode ser correta em sua enunciação dentro de seu momento histórico, porém muitas vezes as transformações sócio-econômica e políticas andam mais rápido que as teorias, tornando-as ultrapassadas e falsas para realidade social atual.

2º) A teoria poderia ser falsa na sua formulação, não por erro de vontade do autor, mas em decorrência de que sua teoria era o melhor que poderia ser feito,dentro das técnicas de pesquisa disponíveis no momento histórico de sua elaboração.

3º) A teoria poderia ser falsa na sua formulação, mesmo a luz das técnicas de pesquisa daquele momento histórico. Neste caso se pode demonstrar que a teoria é falsa em termos puramente lógicos, ante de examinar os dados empíricos. Elster(1989,p.206-207).

Na avaliação das teorias de Marx, Elster(1989)procura invocar todos os três critérios, buscando aplica-los aos conceitos de Marx estudados.

O que está morto no filosofia de Marx?

O socialismo científico de Marx está morto. Uma teoria política não pode desprezar os valores e substituí-los por um determinismo histórico. Não há argumento racional respeitável que sustente que a história está sujeita a um padrão progressivo que

pode ser detectado no passado e ser totalmente previsto no futuro. Para Elster o socialismo científico falha no tratamento que dá aos valores.

Para se chegar ao comunismo é necessário uma ação política orientada por valores, ou o comunismo chegará por si mesmo, sem propaganda, sem lideranças ou sem ação de massas? O autor acredita que o comunismo de modo algum virá espontaneamente, se faz necessário uma ação orientada por valores que o norteiam seus objetivos. Elster afirma que a crença determinista nas leis da história, faz com que a categoria do socialismo científico se esqueça da função da incerteza e da responsabilidade moral que são inerentes à ação política orientada por valores, dando prova cabal da morte desta categoria. Elster(1989,p.209).

O materialismo dialético está morto. Elster afirma que apesar que tal categoria ser associada principalmente a Engels, também aparece no pensamento de Marx. Para o autor há de se questionar se realmente o materialismo dialético é material de fato. Pois existe uma lacuna nesta categoria, como na relação corpo-espírito ou relação sentido-dados. Mesmo havendo uma concepção teórica que busca suprir esta lacuna, ela entraria em contradição com as concepções do materialismo histórico. No entender de Elster ambas as categorias marxistas (materialismo histórico e materialismo dialético) afirmam que o *ser determina a consciência*. No momento que se tenta tornar esta informação mais precisa, porém, a similaridade desaparece. Para o materialismo histórico, as idéias são separadas da estrutura econômica e ao mesmo tempo, capazes de ter um impacto causal sobre ela. Neste caso o autor é enfático ao afirmar que é impossível assegurar qualquer compatibilidade entre o materialismo histórico e materialismo dialético, confirmando o sepultamento do segundo. Elster(1989,p.210)

O que está vivo na filosofia de Marx ?

O método dialético, ou pelo menos uma certa versão dele, está certamente vivo. Elster assevera que nem tudo que Marx aprendeu com Hegel, lhe desvirtou seu pensamento. A influência de Hegel em Marx deve ser resgatada através do estudo de sua obra a *Fenomenologia do Espírito*, peça básica para entender o lado vivo do pensamento de Marx. Elster(1989,p.214)

A teoria da alienação está viva. Elster acredita que Marx tinha uma idéia de superação da alienação sócio-econômica de classe através da auto realização do individuo. O autor associa a teoria da alienação de Marx à teoria do individualismo metodológico. Nesta última teoria o individuo autoconsciente é peça chave para fazer as mudanças na reorganização da divisão social do trabalho nas sociedades industriais complexas, facilitando o envolvimento de maior números de pessoas em atividades criativas, permitindo uma certa possibilidade de auto-realização global. Elster(1989,p.215)

Em Elster(1989) ainda de certa forma pode-se falar de uma certa atualidade da filosofia de Marx através do compromisso social, que a filosofia de Marx firmou com os objetivos generosos e libertadores: a auto realização para o individuo, a igualdade entre indivíduos aliada a uma atitude utópica sobre o futuro da sociedade humana além do capitalismo atual⁵.

2- Filosofia Marxista: Um método científico de investigação do sistema capitalista ou uma ideologia fossilizada do século XIX?

Para introduzir as reflexões a respeito desta indagação, Bordin(1985)afirma que a filosofia de Marx, se expandiu através das várias vertentes de filosofias Marxistas.

Antes da queda do socialismo real soviético, havia uma pseudo homogeneidade das filosofias marxistas sob o rótulo de Marxismo-leninismo. Hoje existe uma imensa concha de retalhos. Estas filosofias muitas vezes, foram e são antagônicas entre si. Isto gerou de certa maneira, variadas crises internas na interpretação e aplicação do pensamento de Marx nas sociedades onde estas filosofias foram geradas⁶.

⁵ A fim de verificar a atualidade da filosofia de Marx,pelo ponto de vista do marxismo clássico(teor Marxiano)aplicado ao estudo do declínio do socialismo real do oeste europeu vide a obra: KURZ, Robert. **O colapso da modernização. Da decorrada do socialismo de caserna à crise da economia mundial.** 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

⁶ Neste sentido vide a obra de : HOBBSAWM, Eric. **História do Marxismo.** 2a Ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1983.

Bordin parte das premissas do pensamento crítico de Lucio Colletti, fazendo um resgate histórico do marxismo clássico nas suas vertentes deterministas e positivistas até chegar ao Marxismo ocidental de teor histórico-dialético de Gramsci, Lukacs, Heller, vinculando o materialismo histórico com a epistemologia. Bordin(1985,p.73-90)

Para Bordin(1985) o problema que está na base da crítica das filosofias marxistas são expressas através das seguintes indagações:

a)As filosofias marxistas são teorias científicas da realidade social ou visões gerais do mundo?

b) As filosofias marxistas constituem uma economia política capaz de explicar o capitalismo ou se tornaram simplesmente ideologias filosóficas?

c) As filosofias marxistas são conhecimento científico que contribuem para o desenvolvimento da historiografia ou uma utopia revolucionária?

A resposta dada por Bordin a estas indagações, está baseada no olhar de Lucio Colletti, que nos reporta a obra de Marx como científica, rica em desenvolvimentos analíticos, mas por outro lado, é também uma filosofia da história, isto é, uma concepção finalística e teleológica da história que aparece como um caminho pré definido rumo a uma meta final, em contradição com uma postura científica.

Bordin indica que Colletti é enfático ao afirmar que as filosofias marxistas possuem fortes elementos finalísticos, teleológicos, que muitas vezes dão lugar a um escatologismo histórico, assemelhando-se a tradição religiosa da salvação transcendente judaica-cristã (do reino terrestre para o celestial), enquanto as filosofias Marxistas defendem uma salvação terrestre imanente(do reino da necessidade para o reino da liberdade). Para Colletti, no entender de Bordin, os seguidores das filosofias marxistas, em sua grande maioria, optaram pelo lado finalístico e teleológico da história, fechando a teoria marxista dentro de sua própria concha dogmática ríspida. Esta postura política foi representada pelos socialismos reais, que não aceitaram as críticas e refutações científicas à teoria de Marx, negando assim o método dialético, fazendo que o caráter científico do mesmo, fosse cristalizado pelos seus próprios dogmas nas suas práticas políticas. Todavia ,

em Colletti, no olhar de Bordin, não se trata de apagar a obra de Marx, mas sim, ter coragem de resgatar os aspectos científicos da teoria marxista dentro da variedade de filosofias marxistas, sem o temor de praticar um sacrilégio político-partidário. Bordin(1985,p.73-90)

Todavia, Bordin não aceita inteiramente a tese collettiana da unidade saber modelada sobre o esquema do conhecimento científico. A partir desta premissa de Colletti, cada forma de conhecimento filosófico é qualificado como senso negativo, tais como: conhecimento metafísico, abstrato, místico, irracional. Neste sentido, quando uma filosofia pretende dar a si mesma uma identidade diferente, daquela dada pela ciência, denomina-se uma filosofia edificante, ou seja, torna-se uma religião imanente mascarada de ciência. Daí resulta a duplicidade teórica da Marx na sua vertente filosófica e científica são contrastantes entre si. Bordin(1985,p.82)

No entender de Bordin, quando Colletti, defende a tese supra mencionada, ele recai numa atitude positivista, reduzindo as ciências sócias às ciências naturais. Ele se limita a registrar os fatos sociais sem formular uma avaliação adequada baseada em valores éticos.

Bordin critica Colletti, indagando: È viável confinar todo o mundo ético na esfera do irracional? È viável aceitar a distinção kantiana entre razão pura e razão prática, identificando, a primeira como um conhecimento objetivo e materialista da realidade e abordando a segunda razão como cientificamente não utilizável? Bordin(1985,p.83)

Bordin responde estas indagações, ao asseverar que o âmbito do conhecimento racional não se esgota somente na constatação dos fatos e na descoberta, de seus nexos causais. No olhar do autor só se pode debater sobre a crise do caráter científico das filosofias marxistas, no sentido de crise de criação, de renovação, e rearticulação perante as novas tarefas e aos novos problemas que se apresentam.

Ele compartilha a idéia dos teóricos marxistas (Lucaks, Gramsci, Heller) que dão valor as vertentes filosóficas do marxismo, vinculando suas relações verdadeiramente dialéticas com a ciência, isto é, as relações recíprocas entre ciência e filosofia não são

autônomas e fechadas em si mesmas, mas estão em relação determinada (e não determinante) com as condições materiais da existência humana em desenvolvimento.

Neste sentido as suas relações recíprocas não são prefixadas em termos escolásticos, mas sim condicionadas e reguladas pelas ações e conflito de classes. Bordin(1985,p.88-89)

Em suma, Bordin(1985)percebe que as filosofias marxistas,apesar de suas crises,continuam sendo válidas como um método crítico de investigação e análise do sistema capitalista⁷.

3- A filosofia de Marx pode ser percebida como um humanismo jurídico?

È cabível lembrar, conforme visto nos itens anteriores, que mesmo através da crise dos socialismos reais e das filosofias marxistas(marxismo ocidental) da filosofia de Marx (Marxismo clássico),a segunda, ainda possui suas características científicas e crítico-filosóficas.

Neste momento a fim de debater sobre esta indagação, cabe vincular as suas características científicas e crítico- filosóficas, com o aspecto do humanismo da filosofia de Marx.

No entendimento de Wolkmer para resgatar este aspecto humanista da filosofia de Marx, há que se perceber o contexto histórico do século XIX, onde o idealismo dialético(advido da esquerda Hegeliana) e do materialismo humanista (Feuerbach) que aparece Karl Marx, formulador de uma filosofia política fundada na práxis e no objetivo revolucionário para o projeto de libertação do homem e de emancipação da sociedade. Marx critica o contratualismo burguês representado por Hobbes, Locke e Rousseau, Marx apresenta uma ruptura com a tradição teórica da modernidade. Ainda que Marx não tenha desenvolvido e sistematizado uma teoria geral do Direito, pode-se encontrar em algumas de suas obras (*A Questão judaica, Crítica ao Programa de Gotha e Ideologia Alemã*)subsídios

⁷ A fim de refletir sobre a questão do caráter científico da filosofia de Marx,resgatando,atualizando e aplicando seu pensamento clássico nas atuais condições do capitalismo globalizado vide: BOITO Jr, Armando. TOLEDO, Caio Navarro de. RANIERI, Jesus. TRÓPIA, Patrícia Vieira.(Orgs) **A Obra Teórica de Marx Atualidade, Problemas e Interpretações**. São Paulo: Xamã,2000.

para compreender suas idéias acerca dos Direitos do homem, do Direito como superestrutura ideológica e do ideal do que seja, liberdade, justiça e liberdade na sociedade. Wolkmer(2005,p.132).

Na percepção de Wolkmer, faz-se necessário compreender e reconhecer concepções humanistas no desenvolvimento do pensamento de Marx, porquanto estão presentes em sua obra temáticas filosóficas acerca do homem, da pessoa humana, de sua alienação e sua libertação. Suas preocupações mais específicas sobre uma filosofia do homem e suas necessidades estão firmadas principalmente nos seus escritos de juventude, produzidos entre os anos 1841 e 1845. Wolkmer(2005,p.132)

Marx para superar o idealismo aproxima e integra o humanismo com o naturalismo, em razão de apostar no *homem natural* com exclusão de toda a realidade sobrenatural. É o humanismo naturalista do homem concreto e não do indivíduo abstrato. Neste sentido, a interpretação humanista de Marx rompe com a abstração metafísica que projeta a pessoa humana como categoria de natureza transcendental e moral, favorecendo, aos seus críticos, o argumento que seu humanismo é ateu, limita o indivíduo ao um *homem econômico* e reduz ao valor ao *meramente social*. Outra objeção que a filosofia de Marx representa um *humanismo mutilado* na medida em que, ao exaltar o papel da dialética social e as leis do processo histórico, acaba desconsiderando a força da subjetividade e da liberdade humanas. Wolkmer(2005,p.133)

No olhar de Wolkmer o ponto de partida para entender o humanismo na filosofia de Marx é a relação dialética do homem com a natureza. Ora, o homem só atinge plenitude como homem quando se aceita como um ser da natureza, integrando e humanizando a própria natureza. Wolkmer cita Touchard para demonstrar a junção entre materialismo dialético com o humanismo, *não existe homem (nem consciência do homem, nem pensamento) sem a natureza e fora das trocas entre o homem e a natureza. Estas duas proposições situam com exatidão o materialismo de Marx: este materialismo não concede tudo ao mundo sensível exterior. A natureza produz o homem, mas isso não passa de um acto inicial de um **processus** que, daí em diante, se vai desenvolver entre dois pólos: a natureza produz o homem para se humanizar. O homem, por seu lado, é um sistema de necessidades que se satisfaz primeiro com a natureza.* Wolkmer(2005,p.133)

Wolkmer assevera que no pensamento do jovem Marx, o homem como essência e significado da trajetória humana aparece como um complexo de necessidades que são satisfeitas pelo trabalho produtivo. Desse modo, trabalho exerce a mediação entre as necessidades humanas e satisfação que deverão ser implementadas. Wolkmer(2005,p.134)

Neste sentido, para Wolkmer é possível pensar uma filosofia humanista a partir dos escritos juvenis de Marx, produzidos entre os anos 1841 e 1845, que rompem com liberdade do humanismo metafísico, individualista e minimizador das condições sociais. Deduz-se então, as suas preocupações acerca das diversas formas de pressão (econômica, social, política e religiosa) que negam a realização do ser humano e a construção de uma práxis concreta capaz de libertar o homem alienado e de propiciar uma real emancipação humana. Wolkmer(2005,p.143)

As indagações críticas acerca da natureza autêntica ou não, da negatividade e do comprometimento dos direitos do homem, ainda de forma fragmentária e esparsa, no entender de Wolkmer, permitem demarcar e avançar em direção à perspectiva de ruptura, apta para esboçar os contornos possíveis de uma filosofia jurídica humanista em Marx⁸.

Considerações finais:

Ao se procurar refletir sobre as indagações sobre a atualidade e/ou decadência da filosofia de Marx, os apontamentos de Lowy(2000) tornam-se de extrema importância.

Lowy indica três desafios a serem superados, na forma de princípios, pelas ciências sociais para que as mesmas possam ter uma objetividade científica nos dias atuais. No caso da filosofia de Marx a sua atualidade e objetividade científica estão vinculadas ao terceiro princípio. Estes desafios se apresentam na forma de três princípios a saber:

1º) Princípio do Barão de Munchhausen, este é um desafio, no entender de Lowy, próprio para o positivismo que acredita possuir o único procedimento científico

⁸ A fim de compreender como se opera o desenvolvimento do esboço dos possíveis contornos desta filosofia jurídica humanista em Marx, a partir da Teoria do Pluralismo Jurídico Comunitário Participativo (Teoria do Pluri.jur.com.par) vide: WOLKMER, Antônio Carlos. **Pluralismo Jurídico: Fundamentos de uma nova Cultura no Direito**. 3ed. São Paulo: Alfa Omega, 2001.

correto para alcançar a objetividade científica através da neutralidade axiológica(valores). A expressão Barão de Munchhausen diz respeito a uma analogia feita entre a neutralidade de valores dos positivistas com uma figura fictícia do folclore europeu, que consegue através de um golpe genial, escapar do pântano de areia movediça, onde ele e seu cavalo estavam sendo tragados,ao puxar a si próprio pelos cabelos.

2º) Princípio da Luz Prismada: Este é um desafio para os teóricos que são historicistas ou ultra relativistas,onde não há um ponto fixo para analisar a história, se tudo é relativo, onde se encontra a objetividade das ciências sociais? A expressão luz prismada vem de uma frase enunciada por Ditley. *“É nós negado ter uma visão de conjunto destas dimensões. A luz pura da verdade nos é visível apenas nas múltiplas facetas de um raio de luz”*.

3º) Princípio da Carruagem: Para Lowy este é o desafio que a filosofia de Marx tem que enfrentar para se considerada como uma Ciência social com características de atualidade e objetividade científica. Ela deve aplicar a si mesma seu método histórico-dialético, sob pena de recair no erro cometido pelos positivistas no primeiro princípio. A expressão carruagem é originária de Marx Weber que dizia *“Se o materialismo histórico é um princípio de explicação universal, como pode deter-se como uma vulgar carruagem, diante do próprio pensamento marxista”*. Lowy(2000,p.7-194)

Ao se questionar a atualidade e/ou decadência da filosofia de Marx frente aos três desafios enunciados por Lowy, não podemos ficar restringidos ao desafio do princípio da carruagem, devemos ir adiante, perceber as limitações das assertivas de Lowy, isto é, compreender que a filosofia de Marx, também deverá enfrentar os dois primeiros desafios(princípio do Barão de Munchhausen e princípio da luz prismada). Caso não supere os três desafios de forma conjunta, estará caminhando para uma decadência real de ide sem volta ao *cemitério filosófico-político econômico* construído pela globalização neo-liberal⁹.

⁹Para ter uma visão crítica sobre o capitalismo neo liberal atual vide: PETRAS, James. **Neo liberalismo:** América Latina, Estados Unidos e Europa. Blumenau: Furb, 1999

Para que a filosofia de Marx possa continuar a ser atual e servindo de método de investigação científica e análise crítica do sistema capitalista e também renovando seu horizonte utópico para humanidade.

A filosofia de Marx torna-se importante que a mesma se abra para uma visão interdisciplinar e multisetorial onde o Estado, o Mercado e a Sociedade civil possam manter um diálogo aberto, que esteja além de eternas dicotomias político-ideológicas e se associar em torno de algumas bandeiras comuns em prol da sobrevivência da humanidade, enquanto espécie, na biosfera dentro da nossa modernidade inacabada e insustentável¹⁰. Cabe a cada ser humano, aceitar este desafio histórico, pois cada um de nos somos sujeitos de nossa própria e história e sujeitos co-responsáveis pela história da humanidade e não apenas a classe trabalhadora, com era na versão do marxismo clássico.

REFERÊNCIAS

BOITO Jr, Armando. TOLEDO, Caio Navarro de. RANIERI, Jesus. TRÓPIA, Patrícia Vieira.(Orgs) **A Obra Teórica de Marx Atualidade, Problemas e Interpretações**. São Paulo: Xamã,2000.

BORDIN, Luigi. O problema do Estatuto Epistemológico do Marxismo: Marxismo Ciência ou Ideologia. In: Revista Filosófica Brasileira, UFRJ, n2, vol, 1 dezembro de 1985, 71-90pp.

¹⁰Uma destas bandeiras comuns é o ambientalismo, neste sentido vide a obra de LEIS, Hector Ricardo. **A modernidade insustentável. As críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Florianópolis: UFSC/Petrópolis:Vozes, 1999.

CHILCOTE, Ronald H. **Teorias de Política Comparativa A busca de um paradigma reconsiderado**. Petrópolis: Vozes,1998.

ELSTER, Jon. **Marx Hoje**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A Terceira Via Reflexões sobre o Impasse Político Atual e o Futuro da Social-Democracia**. São Paulo: Record, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **História do Marxismo**. 2a Ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1983

KURZ, Robert. **O colapso da modernização. Da decorrada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993

MORIN, Edgar. O pensamento socialista em ruínas. O que se pode esperar? In: A decadência do futuro e a construção do presente, Florianópolis:UFSC, 1993. 21-34pp

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita-Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand. 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, Edgar. **O setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. 2000.

LEIS, Hector Ricardo. **A modernidade insustentável. As críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Florianópolis: UFSC/Petrópolis:Vozes, 1999

LOWY, Michael. **As aventuras do Karl Marx contra o Barão de Munchhausen**
Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 7ed São Paulo: Cortez, 2000

PETRAS, James. **Neo liberalismo:** América Latina, Estados Unidos e Europa. Blumenau:
Furb, 1999

WOLKMER, Antônio Carlos. **Pluralismo Jurídico: Fundamentos de uma nova Cultura**
no Direito. 3ed. São Paulo: Alfa Omega, 2001.

WOLKMER, Antônio Carlos. O Direito como humanismo social e possibilidades de
emancipação em Karl Marx (p.129-144) In: WOLKMER, Antônio Carlos. **Fundamentos**
do Humanismo Jurídico no Ocidente. Barueri:Manole/Fondazione Cassamarca, 2005.